

Geoffrey Beattie & Laura McGuire



A psicologia das
**MUDANÇAS
CLIMÁTICAS**

Blucher

A PSICOLOGIA
DE TUDO

Geoffrey Beattie | Laura McGuire

A PSICOLOGIA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Tradução
Sonia Augusto

Título original: The Psychology of Climate Change

A psicologia das mudanças climáticas

© 2019 Geoffrey Beattie e Laura McGuire

© 2021 Editora Edgard Blücher Ltda.

All rights reserved. Authorised translation from the English language edition published by Routledge, a member of the Taylor & Francis Group

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Bonie Santos

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beattie, Geoffrey

A psicologia das mudanças climáticas / Geoffrey Beattie, Laura McGuire; tradução de Sonia Augusto. – São Paulo: Blucher, 2021.

128 p. (A Psicologia de Tudo)

ISBN 978-65-5506-226-7 (impresso)

ISBN 978-65-5506-227-4 (eletrônico)

1. Mudança climática – Aspectos psicológicos.
2. Aquecimento global. 3. Psicologia ambiental.
I. Título. II. McGuire, Laura. III. Augusto, Sonia.
IV. Série.

21-1328

CDD 155.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Mudança climática - Aspectos psicológicos

CONTEÚDO

1. Introdução: o homem no ônibus e a ciência das mudanças climáticas	9
2. <i>Fake news</i> : a ciência e a política das mudanças climáticas	19
3. Nossos eus racional e irracional	31
4. Não veja o mal: como permanecemos tão otimistas?	45
5. Campanhas voltadas para as mudanças climáticas e por que elas falharam	63
6. Duras lições da propaganda de cigarros	77
7. Avaliação da nossa verdadeira atitude diante das mudanças climáticas	95
8. Comentários finais	113
Leituras recomendadas	117
Referências	119

7

INTRODUÇÃO: O HOMEM NO ÔNIBUS E A CIÊNCIA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

UMA VIAJEM DE ÔNIBUS NA NEVE

As conversas com estranhos em ônibus são geralmente bem difíceis. Todos sabemos disso. Provavelmente foi o caderno aberto que atraiu a atenção dele. Ele ficava olhando para o caderno, primeiro disfarçadamente e, depois, com olhadas mais longas, como se quisesse ser visto. A página branca do caderno tinha apenas duas palavras escritas: “MUDANÇA CLIMÁTICA!” em letras grandes e pretas. Ele fez um som de reprovação na terceira olhada para a página e, depois, começou a falar abruptamente.

— Bom, para começo de conversa, isso não tem o menor sentido — disse ele. Apontou para a neve na rua. Era só uma poeira fina, mas era o suficiente. — Então isso é o aquecimento global para você — disse ele e olhou para mim, um dos autores deste livro [Geoffrey Beattie], esperando que me juntasse a ele em uma condenação comunitária desse grande boato.

Ele repetiu, mais alto da segunda vez, e olhou ao redor em busca de apoio. Ele estava começando a atrair a atenção das pessoas; alguns passa-

geiros do ônibus estavam acenando com a cabeça e seguindo os comentários dele, mas aí ele se virou para quem estava mais perto dele, a pessoa apertada no assento ao lado dele, aquela que não teria como escapar.

Talvez ele tenha sido incentivado pelo ponto de exclamação; talvez isso tenha sido responsável pela conversa em primeiro lugar.

— Que piada — continuou ele. — Você não acredita nessa bobagem, não é?

O olhar dele era acusador e exigia uma resposta. Mas de que valia responder?

Parece que as mudanças climáticas, como a política, a religião e a morte, entraram no domínio dos assuntos que não são abordados em uma conversa educada. Existem discordâncias demais (não uma discordância violenta, é claro, pelo menos ainda não, mas ainda assim muito acalorada e desordenada) ligadas a valores pessoais, ideologias diferentes e até mesmo visões religiosas que não podem ser transpostas por palavras polidas (embora tentemos fazer isso neste livro). Não teria parecido certo falar sobre a diferença entre o tempo e o clima para aquele homem no ônibus, nem mesmo tentar sentir empatia pelo fato de que “aquecimento global” pode ser um termo muito enganador para muitas pessoas. Alguns têm sugerido que “caos climático” é um descritor melhor para o que está acontecendo e o que acontecerá cada vez mais no futuro. O conceito de “caos” capta o que estamos testemunhando em termos de padrões de tempo mais frequentes, extremos e imprevisíveis.

Mas provavelmente não era o melhor momento para uma palestra sobre o caos climático, nem era o melhor momento para argumentar que existe um *admirável* consenso científico sobre as mudanças climáticas — “admirável” porque é raro ver esse grau de concordância científica sobre qualquer assunto. Afinal de contas, a ciência é impulsionada por disputa, desacordo e diferença. Essa é de fato sua natureza, é assim que ela se desenvolve, cresce e *muda*. Mas quando se trata das mudanças climáticas, os cientistas *concordam* que tem havido um aumento nas concentrações de gases do efeito estufa na atmosfera e que isso está ligado a um aquecimento geral do planeta. Existe uma concordância de que as temperaturas médias aumentaram no século passado e de que elas vão continuar a subir.

Eles também concordam que é “altamente provável” que os seres humanos tenham contribuído para isso com o seu comportamento, pois essas alterações nas emissões dos gases do efeito estufa e o aquecimento global espelharam grandes mudanças na atividade humana, como a Revolução Industrial, e uma mudança nos padrões do uso da terra, das demandas de energia e dos transportes.

Mas o termo “altamente provável” parece ser parte do problema. Não é “certo”, dizem os críticos, não como a própria morte (ou os impostos, como Benjamin Franklin afirmou ironicamente); parece confuso e vago para as pessoas não acostumadas ao raciocínio probabilístico. Os cientistas do clima também concordam que o impacto das mudanças climáticas sobre o planeta será severo, mas variam na avaliação de quão severo. Eles criaram modelos de uma gama de resultados possíveis, mas definir a probabilidade exata de cada resultado possível é mais problemático por causa dos graus de incerteza nos modelos, incluindo o conhecimento do sistema climático da Terra e da atividade humana futura. Esse é o problema com a ciência: ela lida com probabilidades.

O QUE DIZEM OS CIENTISTAS

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change – IPCC), que inclui centenas dos cientistas mais importantes do mundo, é a agência internacional encarregada de revisar e avaliar o vasto corpo de evidências científicas que se acumulam ao redor das mudanças climáticas. Esse órgão recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2007. Nas três últimas décadas, ele emitiu uma sucessão de relatórios e “declarações de consenso” resumindo o estado atual do conhecimento sobre as mudanças climáticas, com as evidências que se acumulam, ainda embasadas em termos probabilísticos, apontando cada vez mais para uma conclusão inescapável.

Em 1995, o IPCC concluiu: “O saldo das evidências sugere uma influência humana discernível no clima global”. No relatório de 2007, o IPCC concluiu:

As atividades humanas . . . estão modificando a concentração de constituintes atmosféricos . . . que absorvem ou dispersam a energia radiante . . . A maior parte do aquecimento observado nos últimos 50 anos muito provavelmente se deve ao aumento nas emissões dos gases do efeito estufa.

No relatório de 2013, o IPCC concluiu: “O aquecimento do sistema climático é *inequívoco* e, desde a década de 1950, muitas das mudanças observadas não têm precedentes em décadas ou milênios . . . É extremamente provável que a influência humana tenha sido a causa dominante” (grifo nosso). Em 2015, o IPCC concluiu que estamos “agora 95% certos de que os seres humanos são a *causa principal* do atual aquecimento global” (IPCC, 2015, p. v, grifo nosso). O IPCC também sugeriu que, com base nas evidências existentes, um aumento na temperatura global terá “impactos severos e disseminados com . . . extinções substanciais de espécies, grandes riscos de segurança alimentar global e regional . . . cultivo de alimentos ou trabalho ao ar livre”, bem como produzirá flutuações extremas no tempo, entre elas secas, inundações e tempestades. As conclusões do IPCC têm sido endossadas e apoiadas por mais de 200 órgãos científicos em todo o mundo, incluindo as principais organizações científicas em cada um dos países do G8, como a National Academy of Science dos Estados Unidos e a Royal Society no Reino Unido.

Além disso, um número cada vez maior de pessoas está sentindo em primeira mão os efeitos devastadores das mudanças climáticas, com aumento das condições de tempo adversas, como inundações frequentes, furacões mais fortes, ondas de calor mais longas, mais *tsunamis* e períodos de seca (IPCC, 2015; UK Climate Change Risk Assessment, 2016). A Organização Mundial de Saúde – OMS (WHO, 2017) alerta que, com o aumento das temperaturas e das chuvas, precisamos estar preparados para mais doenças resultantes de mudanças climáticas, entre elas infecções transmitidas por mosquitos, como a malária, a dengue e a zika. A OMS afirma que: “As mudanças climáticas já causaram dezenas de milhares de mortes por ano por doenças, calor e tempo extremo”, e eles dizem que esta é “a maior ameaça à saúde global no século XXI”. Na verdade, o Fórum Econômico Mundial identificou as mudanças cli-

máticas como o principal risco global enfrentado pela humanidade – um risco maior que armas de destruição em massa e escassez severa de água (Global Risk Report, 2016).

As evidências sugerem que os seres humanos são os contribuintes mais significativos para as mudanças climáticas por meio de uso de energia, crescimento populacional, uso da terra e padrões de consumo (IPCC, 2015). Atualmente, as emissões de CO₂ causadas pela atividade humana estão no nível mais alto já atingido e continuam a subir. As emissões globais de CO₂ em 2011 foram relatadas como “150 vezes mais altas que em 1850” (World Resource Institute, 2014; ver também IPCC, 2015). Embora não possamos desfazer os danos já infligidos no que se refere às mudanças climáticas, temos o poder de adaptar nosso comportamento para mitigar qualquer efeito futuro.

Apesar de o papel da atividade humana como causa ser “claro” (e “crescente”), não há evidências de adaptação comportamental em larga escala por parte da população. Na verdade, parece haver uma desconexão monumental entre a ciência das mudanças climáticas e a percepção do público quanto às mudanças climáticas e suas ações subsequentes. Por exemplo, uma pesquisa de 2013 conduzida pela Universidade de Yale revelou que apenas 63% dos estadunidenses “acreditam que o aquecimento global está acontecendo”. É interessante notar que esse número já foi mais alto (72%) em 2008, antes de os efeitos da crise econômica serem plenamente sentidos e antes de ocorrer o escândalo do “Climagate” em 2009, quando e-mails de cientistas do clima da Universidade de East Anglia foram hackeados. Foi sugerido na época que teria havido alguma manipulação dos dados científicos, e que os cientistas do clima, como todos os outros neste grande “debate das mudanças climáticas”, tinham um interesse próprio a proteger. A crença nas mudanças climáticas caiu para 52% em 2010. Quase metade dos estadunidenses em uma pesquisa realizada em 2010 pensava que o aquecimento global era atribuível a causas naturais em vez de ser atribuível à atividade humana – os cientistas do clima claramente pensam o contrário.

O motivo de haver uma divisão tão grande de opiniões entre os cientistas e o público (e entre diferentes segmentos do público) poderia ser analisado de diversas maneiras. Vamos argumentar que é mais apropriado

considerar isso em termos psicológicos, mas tendo em mente que tanto o próprio problema quanto qualquer solução potencial são multidimensionais e têm diversos níveis. É uma questão global, envolvendo diferentes países e governos (e, portanto, que exige que se levem em conta as políticas locais e globais) e diversos grupos sociais com dados demográficos, padrões de consumo de mídia e níveis educacionais diferentes (e, portanto, uma consideração das perspectivas sociológica, econômica e educacional), com implicações para a manufatura e a indústria (envolvendo uma consideração da economia e do comércio internacional). E, é claro, isso envolve os *indivíduos* e suas crenças, seus valores, suas atitudes e seu comportamento, que, argumentaríamos, podem ser pensados como o centro de tudo, com seus valores e suas atitudes dirigindo o comportamento de consumo e a produção de bens.

A psicologia pode, de fato, ser a chave para muitos dos mais intrigantes aspectos de nossa reação às mudanças climáticas, mas, para entender por que e como, teremos de nos aventurar na mente de Donald Trump;¹ considerar o olhar fixo dos consumidores nos primeiros milissegundos em que olham para um produto no supermercado; e analisar como e por que os seres humanos usam raciocínios “preguiçosos” para chegar a determinados tipos de conclusão; e o que o tabagismo e as mudanças climáticas têm em comum. A resposta, aliás, é que ambos são extremamente prejudiciais, mas por muitos anos foram sujeitos a um enorme “debate científico” (fabricado e pago) sobre o dano real que podem causar. Vamos examinar como esse debate foi alimentado e quem exatamente pagou para que ele acontecesse. Vamos nos aventurar na mente consciente do público e em sua mente inconsciente, e argumentar que o “conflito” entre esses dois tipos de processos pode ser a chave para muitas das questões recorrentes em todo esse domínio (Beattie, 2018).

1 Presidente dos Estados Unidos na ocasião da primeira publicação deste livro, em 2019 [N.E.].

ALGUMAS REAÇÕES DIANTE DA CIÊNCIA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Há evidências científicas do papel da atividade humana no aumento das emissões de gases do efeito estufa e na produção de mudanças climáticas já há um tempo considerável. Na verdade, em 1896, o químico sueco Svante Arrhenius calculou os efeitos possíveis da duplicação da quantidade de dióxido de carbono sobre as temperaturas globais. Em 1965, o Conselho Consultivo Científico do presidente Lyndon B. Johnson alertou que o aumento constante no dióxido de carbono atmosférico poderia “modificar o equilíbrio de calor da atmosfera”. No Reino Unido, o *Stern Review* (conduzido por Sir Nicholas Stern, o antigo economista-chefe do Banco Mundial) concluiu há mais de uma década que “as mudanças climáticas apresentam riscos globais muito graves e exigem uma resposta global urgente”. A conclusão de Stern na época foi que “as mudanças climáticas ameaçam os elementos básicos da vida para as pessoas em todo o mundo – acesso à água, produção de alimentos, saúde e uso da terra e o meio ambiente”. Stern também concluiu que é extremamente provável que a atividade humana e, especialmente, os padrões de consumo e de uso de energia, impulsionados pela demanda dos consumidores por padrões de vida mais elevados, sejam fatores significativos no aumento das emissões de CO₂ globais e, portanto, um importante aspecto direcionador das mudanças climáticas. Ele argumentou que: “As emissões foram e continuam a ser impulsionadas pelo crescimento econômico” – uma visão posteriormente apoiada pelos diversos relatórios.

As evidências das mudanças climáticas estão disponíveis há algum tempo, então por que essa “resposta global urgente” (nas palavras de Stern) não aconteceu? O IPCC (2015) argumentou que poderíamos *limitar* os efeitos das mudanças climáticas mudando nosso comportamento individual e coletivo. Nós poderíamos voar menos, comer menos carne, usar transporte público, andar de bicicleta ou caminhar, reciclar, escolher mais produtos de baixo carbono, tomar banhos mais curtos, desperdiçar menos alimentos ou reduzir o uso de energia em casa. Algumas mudanças locais significativas têm ocorrido, mas nada como a “resposta global” necessária para mitigar os efeitos prejudiciais das mudanças climáticas.

Somos lembrados aqui de uma estatística um pouco deprimente relatada por uma importante multinacional, a Unilever, em seu “Plano de vida sustentável”. Em 2013, eles esboçaram como pretendiam reduzir pela metade o impacto dos gases do efeito estufa de seus produtos em todo o ciclo de vida até 2020. Para atingir essa meta, eles reduziram as emissões de gases do efeito estufa em sua cadeia produtiva. Eles optaram pelo fornecimento de matérias-primas mais amigáveis para com o ambiente, duplicaram seu uso de energia renovável e produziram líquidos e pós concentrados. Eles reduziram as emissões dos gases do efeito estufa provenientes de transporte e refrigeração. Eles também restringiram as viagens dos funcionários. O resultado de todas essas iniciativas foi que o impacto de sua “pegada de gases do efeito estufa por consumidor . . . *aumentou* cerca de 5% desde 2010”. Eles concluíram: “Fizemos bons progressos nas áreas que podemos controlar, mas . . . os grandes desafios são as áreas que não estão sob nosso controle direto como . . . *o comportamento do consumidor*” (2013, p. 16, grifos nossos). Parece que os consumidores não estão “captando a mensagem”. Eles não estão optando pelas alternativas de baixo carbono como previsto; eles não estão mudando a duração do banho (para reduzir o consumo de energia e de água); eles não estão eliminando seus hábitos de alto uso de carbono. A questão é por quê?

Esse fracasso por parte do público em mudar seu comportamento talvez seja ainda mais surpreendente considerando que o Department of Environment, Food and Rural Affairs (Defra – Departamento de Meio Ambiente, Alimentos e Assuntos Rurais) no Reino Unido tem argumentado repetidamente que “Muitas pessoas estão dispostas a fazer um pouco mais para limitar seu impacto ambiental, mas ainda assim as pessoas têm um nível de compreensão muito mais baixo sobre o que podem fazer e o que faria diferença”. É claro que a campanha da Unilever foi planejada para ajudar nesse aspecto ao tornar produtos mais sustentáveis facilmente disponíveis. Isso levou a diversas outras campanhas apoiadas pelo governo no Reino Unido com o objetivo de nos persuadir a mudar nosso comportamento – apagar as luzes quando não estiverem em uso, comprar produtos de baixo carbono, compartilhar carros etc. Essas são todas ações definidas de modo relativamente claro e que poderiam fazer diferença

significativa se um número suficiente de pessoas agisse assim, mas os resultados foram decepcionantes.

Veja, por exemplo, a questão da rotulagem de carbono nos produtos para guiar os consumidores para a alternativa mais amigável para o meio ambiente. Tesco, o varejista sediado no Reino Unido, introduziu a rotulagem de carbono em 2007, visando incluir rótulos de carbono em todos os seus 70 mil produtos de marca própria. Terry Leahy, CEO do Tesco na época, disse: “O movimento verde precisa se tornar um movimento de massa em consumo verde”. Para atingir essa meta, Leahy argumentou, “Temos de capacitar todas as pessoas, não apenas os iluminados ou os ricos”. Mas o Tesco desistiu desse plano em 2012, argumentando que os outros supermercados não se uniram a ele nesse projeto e disse que o cálculo preciso da pegada de carbono era mais lento e muito mais caro do que originalmente previsto. Porém, na realidade, isso simplesmente não funcionou. E talvez isso pudesse ter sido previsto (Beattie, 2012). Em uma situação experimental, os autores deste livro descobriram que, ao ver os produtos, as pessoas davam muito pouca atenção aos rótulos de carbono. Usando o rastreamento ocular para monitorar a fixação do olhar individual nos produtos a cada 40 milissegundos, descobrimos que em menos de 7% dos casos os participantes se fixavam no ícone da pegada de carbono ou na informação de pegada de carbono nos primeiros cinco segundos (Beattie et al., 2010). E esse período de cinco segundos é importante porque esse é o período médio pelo qual olhamos um produto antes de fazer nossa escolha em um supermercado.

Assim, a população do Reino Unido, em seu papel como consumidora, não estava se comportando da maneira prevista pelo governo e pelos grandes varejistas. Havia claramente algumas questões psicológicas importantes aqui, considerando que as pessoas disseram que queriam rótulos de carbono nos produtos, mas depois não deram atenção a eles. Esse é o tipo de questão que vamos explorar neste livro, que começamos em dezembro de 2017. A data pode ser importante: as opiniões a respeito das mudanças climáticas se alteram dependendo de grandes eventos mundiais (e o tempo específico em determinado momento, inclusive se está nevando ou não). Às vezes é crucial colocar um carimbo de data/hora nos projetos, em especial os similares a este – projetos que afetarão todos

nós. Algum dia no futuro, podemos muito bem olhar para trás quanto às mudanças climáticas e nos perguntar por que houve tanta discussão. A ciência, afinal de contas, era clara e nada ambígua. Os cientistas do clima comunicaram suas descobertas efetivamente para os políticos, os elaboradores de políticas e o público, e todos (mais ou menos ao mesmo tempo neste cenário ideal) decidiram que era necessária uma mudança urgente e, como resultado, modificaram seu comportamento nos níveis pessoal, comunitário, social e nacional, resultando em uma tendência global – uma mudança sísmica em atitudes e comportamento. Esse é um cenário.

Ou, *possivelmente*, algum dia no futuro, podemos olhar para trás e nos perguntar por que não fizemos algo a respeito das mudanças climáticas antes, quando todos os sinais estavam presentes e claros, e agora (nesse ponto no futuro em que algumas gerações futuras sobrevivem) é simplesmente tarde demais para fazer alguma coisa. A ciência pode ter sido considerada clara e não ambígua por *algumas pessoas*, mas, por algum conjunto de complexas razões psicológicas, a mensagem não foi recebida, ou foi recebida mas não se acreditou nela, ou foi recebida e considerada verdadeira, mas supomos que isso não nos afetaria e, assim, demos pouca atenção a ela na correria de nossa vida cotidiana, ou tentamos de um modo limitado fazer algumas mudanças e, depois, desistimos porque concluímos que as outras pessoas não estavam se esforçando e nos sentimos tolos.

É disso que trata este livro: aquelas “complexas razões psicológicas”, aqueles fatores psicológicos – que podem na verdade ser muito simples, mas incrivelmente potentes – que estão influenciando o modo como respondemos às mudanças climáticas em todos os níveis em termos de processos mais básicos como atenção e percepção, em termos de nossas respostas emocionais e cognitivas, em termos de nossa interpretação e compreensão, em termos de nossa representação e visão de mundo, em termos de nossa disposição em falar e compartilhar nossas visões a respeito delas com nossos amigos e colegas (ou estranhos em um ônibus) e, depois, subindo a cadeia, até nossos representantes e políticos, tudo isso moldando nossa predisposição a agir ou não.

Então, o que é a *psicologia* das mudanças climáticas?



O que explica as nossas atitudes em relação ao meio ambiente? Por que tantas iniciativas voltadas para as mudanças climáticas fracassam? Como podemos fazer mais para evitar que os seres humanos prejudiquem o planeta?

A psicologia das mudanças climáticas explora as evidências de nosso ambiente em mutação e sugere que existem vieses cognitivos significativos no modo como pensamos e agimos em relação às mudanças climáticas. Os autores examinam como organizações têm tentado mobilizar o público na luta contra essas mudanças e mostram que as iniciativas geralmente fracassam em virtude da falta de disposição do público para adaptar seus comportamentos. Também exploram os motivos pelos quais algumas pessoas negam completamente as mudanças climáticas e a influência que esses negacionistas podem ter sobre a ação global para evitar mais danos.

Ao analisar nossas atitudes diante do meio ambiente, *A psicologia das mudanças climáticas* discute a urgência de pensar de um modo diferente sobre as mudanças no clima para que possamos proteger nosso planeta.



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A Psicologia das Mudanças Climáticas

Geoffrey Beattie, Laura McGuire

ISBN: 9786555062267

Páginas: 128

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
